

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

CLEIDE FERNANDES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro

2012

CLEIDE FERNANDES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DE UM PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a Claudia Sabino

Rio de Janeiro

2012

Si381i Silva, Cleide Fernandes da

A importância do professor na educação infantil / . – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–

29 p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2012.

Orientador: Profa. Claudia Sabino

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Creche.
5. Valorização de Professores. 6. Legislação. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS.
IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

CLEIDE FERNANDES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DE UM PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

EXAMINADORES

Profa. Claudia sabino
Orientadora

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

CLEIDE FERNANDES DA SILVA

Dedico, como forma de recompensa da minha ausência durante todo este período, ao meu Esposo João Carlos e ao meu filho Rhuan Carlos.

AGRADECIMENTOS

A Deus acima de tudo, pois, sem ele, eu não teria forças para essa longa caminhada.

É difícil agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, nos momentos serenos ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida; agradeço a todos de coração.

Aos meus pais de criação José Anibal Santiago e Alice Santiago, que me inspiraram para a realização desse trabalho.

A minha Mãe, Maria José, e ao meu padrasto, Gilberto, pela força e pelo apoio incondicionais.

A minha família e amigos que me apoiaram até o final desta jornada.

As minhas amigas que, aqui na faculdade, conquistei: Gisele de Souza Pereira e Cintia Rodrigues Pinto Alves, que me ajudaram na conclusão desse curso.

À professora Claudia Sabino, pela orientação desse trabalho.

“Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”.

Paulo Freire

RESUMO

Um Educador que acredita na Educação Infantil trabalha como mediador no desenvolvimento integral das crianças, sem esquecer-se de considerar o que elas já sabem. Para que isso aconteça o Educador terá um olhar apurado, diferenciado para cada um de seus alunos. Essa monografia traz uma reflexão sobre a importância do reconhecimento do professor como autoridade e pessoa pública, e que, portanto não é “tia” ou “tio”. O ato de cuidar e o de educar andam juntos. Quando trabalhamos com crianças pequenas, temos que levar em conta os interesses e suas necessidades; saber um pouco da história de cada uma e conhecer cada família. O educador deverá refletir permanentemente sobre o seu ensinar.

Palavras-chave: Educação. Normal Superior. Educação Infantil. Creche. Valorização de Professores. Legislação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A CRECHE	12
2.1 A importância de um professor na educação infantil	13
2.2 Porque fazer uma pesquisa de campo	14
2.3 Tomada de Consciência	15
2.4 A pesquisa	15
2.5 Análise dos dados levantados	19
3 MINHA EXPERIÊNCIA NA CRECHE	22
3.1 Projeto em Realengo	23
3.2 Práticas na creche em Paciência	24
3.3 Relato de uma atividade surpreendente	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
BIBLIOGRAFIA	30

1 INTRODUÇÃO

A Educação no Brasil é preocupante. Resolvi focar a minha monografia nos aspectos que dizem respeito à formação e à valorização dos Professores.

Esse tema surgiu a partir de experiências vividas por mim ao trabalhar em Creches Conveniadas com a Prefeitura do Rio de Janeiro e também em escolas particulares. A desvalorização que os professores sofrem, principalmente, os que trabalham com a educação infantil, era notável. Acredito que podemos mudar esse quadro, quando passarmos a dar mais importância aos Professores desse segmento.

O Educador deve oferecer situações em que a aprendizagem contribua para o desenvolvimento das capacidades infantis, do respeito e da confiança em relação ao conhecimento mais amplo, social e cultural. Levar o Educador a se conhecer como pessoa, sabendo das suas possibilidades e limitações, é o desafio.

2 A CRECHE

O Estado, no início, não tinha nenhuma participação nas fundações das creches, que eram filantrópicas e tinham como mantenedoras diferentes instituições com predominância das igrejas católicas entre outras Instituições. Essas creches eram mantidas por doações e caridades.

O surgimento das Creches Escolas Comunitárias se deu a partir das necessidades das populações pobres. As famílias, principalmente, as mulheres procuravam locais para deixar os seus filhos para poderem ir trabalhar. Com isso, a preocupação era apenas preencher o tempo vazio que as crianças tinham, resumindo-se ao cuidado de cunho assistencialista.

Tendo em vista que essas creches não tinham nenhuma fiscalização e nenhuma condição de manter as crianças apropriadamente, ficaram conhecidas como um “depósito de crianças”, sem ter a atenção hoje conquistada.

Na década de 1980, a sociedade passou a discutir a necessidade da inclusão da creche e pré-escolas no sistema de ensino, observando e levando em conta a importância da educação na primeira infância. É neste mesmo ano que surge o Projeto Escolas Comunitárias, com a assinatura de um Convênio da prefeitura, através da SMDS (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), criando a Proposta de Ação para as creches que existiam nas favelas cariocas.

Esse convênio se deu com uma proposta pedagógica e um diferencial que eram as reuniões pedagógicas, momentos em que as pessoas paravam para pensar sua prática em sua sala de aula. Podemos dizer que esta foi a primeira ação efetiva do governo em relação ao atendimento a criança de 0 a 6 anos.

Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento das crianças de 0 a 6 anos mudou, baseado num novo olhar e reconhecido como dever do Estado. Até este momento, o atendimento dessas crianças se dava de forma assistencialista.

No final do século XIX, começaram a surgir propostas para a infância no Brasil embora timidamente e oscilante entre o assistencialismo e iniciativa com fundamentos pedagógicos. Somente no final do século

XX é que a criança de 0 a 6 anos de idade passaria a ser contemplada por políticas mais definidas, ganhando respaldo e reconhecimento, principalmente na Constituição de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e mais recentemente na LDB/96". (BARBOSA, 2001,p.26)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Nº 8069, de 13 de Julho de 1990, no seu artigo 2º, conceitua legalmente a Criança e o Adolescente. O indivíduo é entendido como criança de 0 até 12 anos incompletos, e entendido como adolescente de 12 a 18 anos incompletos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de Nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996, em seu artigo 4º, inciso IV, na Constituição Federal, define que é dever do Estado o atendimento gratuito em creche e pré-escola das crianças de 0 a 6 anos de idade, sendo um direito universal. O artigo 11, inciso V, determina que o Município é o responsável para oferecer esses atendimento. Com a Ementa Constitucional 14 de 1996, tudo passa a mudar a partir da valorização do magistério (curso normal).

Muitas conquistas vêm sendo conseguidas para a Educação Infantil, com idas e vindas: o direito da criança foi reconhecido; as creches vêm lutando para deixar de ser um "depósito assistencialista" para ter um planejamento pedagógico a ser desenvolvido, com a preocupação de cuidar e educar e com o compromisso de desenvolver uma metodologia própria para Educação Infantil.

Percebemos avanços significativos, principalmente, no primeiro segmento, que é a creche, mas ainda há muito a ser feito. É necessário lutar para que haja reconhecimento governamental, cursos normais de qualidade e investimentos.

2.1 A importância de um professor na educação infantil

Analisei os avanços conquistados no primeiro segmento da Educação Infantil. É importante entender que tudo isso que vem sendo conquistado pela educação, a partir da Constituição Federal de 1988 que contribui para afirmar a necessidade de qualificação do Profissional de Educação Infantil.

Para aprender e ensinar é preciso realmente desejar que os alunos se tornem pessoas autônomas e críticas. É isso que venho tentando fazer na

minha prática: favorecer que descubram o mundo de maneira concreta e de acordo com a realidade em que vivem, despertando o interesse de conhecer sempre mais, enfrentando os medos e desafios que a vida oferece nesse mundo das crianças pequenas.

Para mim, a Educação Infantil é a base de tudo para uma criança, onde ela se socializa com os outros, aprendem a ter identidade e a criar a sua própria autonomia. Somos responsáveis em assumir a construção da identidade entre professor e educando.

O professor tem que ter um olhar apurado para perceber o seu aluno. Com a família dos alunos presentes, devemos trocar informações com os pais sobre a criação em casa, pois isso ajuda o professor a entender algumas atitudes, e situações que ocorrem no contexto escolar.

Valorizamos nossas crianças, quando permitimos a elas que expressem seus pensamentos, fantasias e lembranças e as ajudamos a desenvolver e aprender a lidar com seus limites, impulsos e desejos. O Professor é modelo para as crianças; elas não aprendem só o que se fala, mas também tudo o que se vê.

2.2 Porque fazer uma pesquisa de campo

As conquistas obtidas pelos profissionais tem sido significativas, contudo, ainda encontramos alguns sem formação adequada em nossas creches. São leigos e sem formação escolar mínima.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil, em seu título VI, artigo 62, ressalta a necessidade de uma formação mais abrangente e unificadora para as profissionais das creches e das escolas infantis. Embora a Educação Infantil esteja legalmente reconhecida, ainda há muito a ser vencido. Se a criança teve um ótimo preparo, cuidado, vindos de um professor disposto a levar em conta os conhecimentos, a realidade, o tempo, a sua identidade, a ela será alfabetizada sem maiores problemas.

A profissão ainda não tem a valorização merecida, contudo, não se consegue formar engenheiros, médicos, advogados etc, que não sabem ler nem escrever e que não precisem de um professor. Os aspectos humanos, a valorização, o respeito, a identidade são esquecidas nesta profissão.

Diante do descrédito, das críticas aos professores e da escassez de candidatos para os cursos de pedagogia e licenciatura em universidades do país, muitas famílias, hoje em dia, não ficam contentes se seus filhos escolherem a profissão de professor. Ironia, pois elas acabam deixando cada vez mais, com essa atitude, a educação de suas crianças sob a responsabilidade dos mesmos profissionais a quem tanto contestam.

Durante anos, acreditou-se que, para ser Profissional de Educação Infantil, bastava que o sujeito tivesse certas características como a de gostar de crianças. No entanto, é indispensável uma formação específica.

Este cenário vem mudando a partir da LDB, que afirma que esse profissional necessita de formação em nível de 3º Grau. Esta mudança vem se dando gradativamente, porém ainda não é uma realidade total.

2.3 Tomada de Consciência

Essa desvalorização sempre me incomodou, pois fui criada por uma família em que todos são Educadores, eles não admitiam serem chamados de tia, mais também nunca tinha procurado saber o porquê. Ao começar a trabalhar em creches conveniadas eu me incomodava com o descaso de muitos com o trabalho dos Professores. A creche era visivelmente para muitos um depósito de criança e éramos babás de seus filhos, a começar a falar de como se referiam a nós educadores, todas chamadas de “Tia”, esvaziando o caráter profissional, abrindo mão até mesmo do seu nome.

O termo “tia” evidencia a falsa idéia de que todas podem ser Professoras, numa condição de parente próxima e auxiliar da mãe, nos cuidados com a criança. Tia é uma extensão da família.

2.4 A pesquisa

Para aprofundar o tema da minha monografia, me veio em mente fazer algumas entrevistas para saber o que as pessoas pensam, quando se fala de educação para crianças de 0 a 6 anos. Será que a obrigação da creche é só a de cuidar? Precisa de um professor ou qualquer um pode fazer esse papel?

Para muitos, a creche era algo a ser feito de qualquer maneira, alguém que tivesse um “jeito” para lidar com criança. Hoje em dia estamos caminhando para uma profissionalização cada vez maior dessas pessoas que trabalham com crianças de 0 a 6 anos, para que nossas crianças tenham um atendimento de qualidade.

Mas há uma separação muito grande entre as colegas de trabalho que dão aula para outras séries. Quando falo que trabalho com a Educação Infantil, até a fisionomia das pessoas muda e isso mexe muito comigo.

Reconheço a necessidade de mais investimentos na qualificação do profissional, para a melhoria da formação que deveria ser oferecida a todos os profissionais dessa área, como cursos de educação continuada e em serviço que permitissem que as pessoas tivessem uma experiência contínua de capacitação.

Elaborei perguntas para orientarem as entrevistas com 6 pessoas. Selecionei 4 delas, porque que me exigiram um olhar diferenciado. Uma foi a Nina, que é auxiliar de creche concursada e que trabalha na prefeitura do Rio. Cacá, a segunda entrevistada, é Coordenadora Pedagógica da Prefeitura do Rio. A terceira foi a Lana, auxiliar de creche e sem formação e a quarta, e última, foi a Sandrinha¹.

As perguntas foram:

- Qual a importância de um "Professor" na Educação Infantil?
- O que você pode me dizer com relação a esse termo: "Professora Sim, Tia Não"?

O resultado das entrevistas foi:

1. Nina:

- ***“É o professor que formará o alicerce dessa criança, a sua importância, e que muitos nem tem conhecimento, é que somos nós, de certa forma, os responsáveis por fazer nascer o encantamento dessa criança pelo mundo.***
- ***Mesmo sabendo que o cuidar e o encinar caminham juntos, a diferenciação que faço de tais termos é que fazemos tudo isso e***

¹ Todos os nomes dos pesquisados são fictícios, a fim de proteger as crianças.

algo mais. Professor ensina a sonhar, apresenta o mundo de uma forma peculiar onde o olhar da criança é de curiosidade, faz pensar, fornece a massa para que seu aluno fabrique o pão. Tia dá tudo pronto, não permitindo que a criança peça, pois antes que abra a boca, ela adivinha o seu desejo, fazendo assim com que se cale e nada fale. Tia carrega no colo, faz penteado no cabelo e trata as crianças como objeto de desejo. Professor ensina a andar, desarruma o cabelo com brincadeiras, ensina a levantar quando se cai no chão. Professora é aquela que educa para a conquista da autonomia e do desenvolvimento social da criança.”

2. Cacá:

- *“É papel do Professor na Educação Infantil orientar, planejar, avaliar, observar e trabalhar no desenvolvimento da criança. O professor possui a bagagem teórica para colocar em prática de acordo com o diagnóstico da turma e de sua faixa etária. Além do cuidar nas creches é de suma importância as práticas pedagógicas que estimulem a criatividade, as sensações, o pensar, estimulando com ações adequadas a cada criança.*
- *“De acordo com a história do Brasil, o termo "Tia" para ser utilizada para os professores tem um contexto político de ditadura militar. Era estimulado na época que o professor fosse submisso, carinhoso, pequeno e que não pudesse utilizar seus conhecimentos para estimular a crítica e o pensar. O respeito pelas opiniões, pelo trabalho e pelo conhecimento que o professor possui, ao chamar de " Tia " parece desaparecer e colocar o professor no papel de vítima indefesa.”*

3. Lana:

- *“O professor de Educação Infantil tem um papel fundamental na vida pedagógica do aluno, pois trabalhando de maneira lúdica, desenvolve habilidades e competências necessárias para um bom desempenho na sua vida escolar. Sua habilidade na leitura e na interpretação fluirá com muito mais facilidade, se for bastante*

trabalhada com os alunos, histórias infantis. Conversas sobre as histórias, desenhos sobre a história e composição de texto, e a matemática também serão mais bem aprendidas, se forem trabalhados jogos lógicos, quebra-cabeça, jogos livres e caixinhas de contagem.

- *Alguns profissionais da Educação Infantil, não aceitam o fato de serem chamados de Tia, e sim de Professora, por acharem que o termo Tia indica uma certa intimidade, além de um grau de parentesco. Porém, até mesmo um filósofo ligado à área da educação em certo momento criticou o termo Tia, e depois se retificou por reconhecer que se trata de um termo que expressa afeição, fazendo com que o aluno se sinta mais acolhido. Na minha concepção, não há motivos justificáveis para não utilizarmos o termo Tia.”*

4. Sandra:

- *“O professor na educação infantil é peça fundamental para o desenvolvimento e crescimento da criança. Onde este, com um olhar mais sensível, percebe tudo que o aluno necessita. O professor precisa estar em constante movimento de aquisição de conhecimento para ter subsídios para trabalhar e oferecer uma educação de qualidade para essas crianças que, embora pequenas, tem muito para desenvolver, o que possibilitará um futuro brilhante. Tudo porque existe um profissional que desestabiliza, faz intervenções, que leva o aluno à construção do conhecimento.*
- *O termo professora sim, tia não, deve ser trabalhado nas instituições de ensino. As famílias e a sociedade em geral ainda estão impregnadas com essa relação de professor e aluno. Antes se pensava apenas numa cultura de cuidadores. Hoje a história é diferente, os profissionais não se colocam como meros cuidadores e sim como um sujeito com sua própria identidade e que também necessita ser respeitado. Por tanto é preciso haver uma tomada de consciência para extinguir a expressão tia, fazendo o uso do nome que faz parte da história de cada um.”*

2.5 Análise dos dados levantados

As coletas de dados na pesquisa de campo foram feitas com pessoas que atuam na Educação Infantil, ocupando diferentes cargos. As perguntas feitas foram previamente elaboradas.

Comparando as respostas, observei que, compreender as funções da creche e do professor, implica em reconhecer que existe um ambiente que possibilita a construção de conhecimento que se contrapõe às concepções e práticas assistencialistas como higiene, alimentação e a identidade, quando, por exemplo, falamos do termo "Tia".

Qualidades pessoais como ter paciência, capacidade de expressar afeto, firmeza e responsabilidade são destacadas e não é requerida uma qualificação das assistentes, pois ainda se é comum pensar nas crianças pequenas como alguém que precisa de cuidados, vigilância e entreterimento. Estamos evoluindo, mas precisa de muito mais.

Toda criança tem o direito a uma educação de qualidade, com professores que sejam respeitados nos seus direitos principalmente em sua formação. Os que atuam com criança pequena são muito desvalorizados. As creches do município, as conveniadas etc, precisam de recursos e de condições de trabalho, a fim de assegurar a democratização da Educação Infantil de qualidade para as crianças.

Não mudaremos isso, de uma hora para outra, mas temos que nos colocar e mostrar para as crianças, pais e diretores, que não fazemos parte da família dos nossos alunos, que somos Educadores, Professores e que devemos ser respeitados como tal.

Recusar a identificação da figura da professora com a da tia não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da tia, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à tia. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental à professora: sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente. (FREIRE, 1993, p13)

Precisamos de Professores que parem para repensar a sua identidade e que sejam profissionais desejantes, pois devem acolher os alunos, num espaço público que é a escola. É nosso dever nos perceber como profissionais. A

formação de uma Professora é um processo pessoal e permanente de se descobrir como sujeito e profissional.

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento, enquanto ser Tia é viver uma relação de parentesco... ". O processo de ensinar, que implica o de cuidar e vise-versa, envolve a 'paixão de conhecer' que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da ousadia de quem se quer fazer professora, educadora, é a disposição pela briga justa, lúdica, em defesa de seus direitos. (FREIRE1993,p.11)

Para isso acontecer o Professor tem que acreditar, gostar daquilo que faz, construindo o conhecimento e aprendendo junto com seu aluno, estudando sempre, pois nenhum aluno é igual ao outro.

A nossa relação com o aluno deve ser afetiva, com a criação de vínculos que favoreçam a aprendizagem. Desse modo, o aluno se sente seguro, numa formação social, afetiva que o ajudará a ser crítico e participativo. Algumas pessoas nos tratam como babás, importa apenas se o seu filho tenha se alimentado bem; se está limpo e cheiroso. Querem que façamos o papel não só de tia, mas de mãe mesmo.

O cuidar e o educar andam juntos. Nós Professores fazemos com que as crianças se socializem entre si, com respeito e dignidade, oportunizando novos conhecimentos, com uma proposta pedagógica, onde desenvolvem o seu mundo imaginário. Na medida em que o professor deixa de ser chamado de Tia, ele passa a ter um nome, uma identidade que o leva a assumir a sua responsabilidade como um profissional de educação, como uma professora.

A Educação Infantil tem conquistado um espaço de proposta pedagógica e não apenas assistencial. Há atividades de cuidado específicas do trabalho com as crianças, contudo, o processo de educação existe em qualquer nível de ensino, cuida-se do outro, pois não é possível educar sem cuidar. (KRAMER, 2005)

Sei que ainda existem creches onde predomina uma educação assistencialista, sem o compromisso com a qualidade do atendimento e uma boa educação. Mas, a ideia de que o educador é aquele que deposita o conhecimento, sem reflexão, sem planejamento, sem levar em conta a realidade de seus alunos vem sendo revista. Hoje, levamos os nossos alunos a pensar, a questionar, criando opiniões próprias, se tornando crianças questionadoras e críticas.

Estamos progredindo. A creche não é direito somente da mãe que trabalha e sim direito de toda criança de 0 a 6 anos, independente de sua cor classe ou religião. A creche não é só vista como um ambiente de proteção e sim também de educação, aprendizado e crescimento.

Os profissionais que atuam na Educação Infantil têm hoje a consciência da importância do seu trabalho na primeira infância. Se pararmos para pensar como surgiram as creches, a sua importância, o seu funcionamento, entendemos que essas Creches Comunitárias são uma resposta das populações de baixa renda. Apesar dessa história, no cotidiano, várias dúvidas permanecem.

3 MINHA EXPERIÊNCIA NA CRECHE

Antes da faculdade não dava a importância para muitas coisas dentro da sala de aula e uma delas era o ambiente. Tudo da minha sala sempre foi bem organizado, copiava tudo que tinha em outras salas para ter na minha também. Não sabia porque precisava daquilo tudo preso nas paredes, ou seja, não sabia fundamentar nada. Com as aulas de organização de espaço, assistidas no Pró-Saber, passei a ter um novo olhar para tudo que tem e acontece dentro da minha sala.

O ambiente da escola e, principalmente, dentro de sala deve ser alfabetizador, tudo com o seu nome etiquetado. O ambiente estimula o aprendizado da criança. Ficando felizes e interessadas com o desejo de aprender, as crianças constroem, se desenvolvem experimentando, tendo a liberdade para construir o seu aprendizado.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a roda de conversa é definida como um “momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de idéias”, em cujo “exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a influência para falar, perguntar, expor suas idéias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem”.

Esse momento serve para expor as idéias, compartilhar, rememorar, ampliar o vocabulário, socializar assuntos, tomar algumas decisões em grupo os combinados (só fazem sentido se fizeram parte a partir de uma situação vivida pelo grupo). Socializar atividades, memória, disparar assuntos a serem trabalhados em atividades.

O professor tem que fazer parte da roda, porém não deve impor suas idéias e sim ouvir e organizá-las e não tornar o momento mecânico. Todos querem falar e estratégias precisam ser criadas para que cada um aguarde o seu tempo para falar, sem perder o desejo. Assim a roda da conversa ajuda a organizar os pensamentos.

Contar e ler histórias para as crianças é representar a vida de outra forma, fazendo com que a criança tenha outras leituras de mundo. Quando lemos histórias para as crianças, fazemos um convite para inúmeras

possibilidades de desdobramento sejam eles sobre cores, personagens, estruturas, cenários, ilustrações...

Nós Professores alfabetizamos apaixonando as crianças por livros, com afeto, pela leitura de imagem, pela beleza de cores e formas. Precisamos estar afetados pela história, interagir com a história, temos que ficar livres. É o momento de colar afeto na história lida, o livro do bebê não tem sequência, tem ações, cenas que tem a ver com o mundo da criança.

3.1 Projeto em Realengo

Na Escola em Realengo, onde eu trabalhava, tinha um Projeto de Leitura que era anual, chamado “Projeto Relendo”. Cada turma tinha 02 livros que eram sorteados para serem levados todos os dias para a casa, onde cada um fazia a sua leitura, muitas vezes, em família.

Esses livros eram selecionados pelas professoras da sala. Em atividades, eu pedia para que desenhassem o que mais gostavam do livro. No final, fazíamos uma culminância expondo os desenhos deles no pátio da escola.

Com o livro, seguia uma folha, em anexo, onde pedia para que os pais escrevessem ou contassem para mim, como foi contar a história para o seu filho. Por incrível que pareça, sempre tinha uma resposta, muitas vezes positivas. Mesmo sendo os pais analfabetos, mostravam que liam as histórias para seus filhos, criando a sua própria leitura.

Na hora do parquinho, da recreação, faço observações. Quando estão brincando, me preocupo com cada um deles. Se tiver uma criança tímida, no canto, brincando sozinha, faço com que ela interaja com outra criança, com o grupo todo. A criança, na brincadeira, muitas vezes reproduz a sua realidade de casa.

É importante que os bebês tenham suas rotinas, pois por meio delas, as atividades fazem com que se sintam seguros. Marcando o tempo e pela leitura de indícios, eles sabem o que vai acontecer durante o dia.

3.2 Práticas na creche em Paciência

Na Creche Comunitária em Paciência, percebi o início de uma preocupação pedagógica; o nascimento de um olhar para a criança como pessoa. Tínhamos reuniões, uma vez por mês, para socializar, planejar o que ia ser lançado e o que poderia ser oferecido para nossos alunos. De acordo com a realidade, o desafio era que as crianças desejassem crescer na sua aprendizagem, sabendo que o planejamento é flexível e pode ser mudado a qualquer momento. Quando vejo que a necessidade da criança não é aquilo que planejei para a aula, reinvento, o meu planejamento e para chamar a atenção delas.

Nas Reuniões de Pais, que acontecem uma vez ao mês, procuramos planejar com as Professoras das turmas e com a Direção. Essas reuniões devem ser de forma prazerosa, sempre reforçando o lado positivo da criança. Deixamos os pais falarem de seus filhos e quando há algum problema, tratamos individualmente. A escola não substitui a família, é o complemento. São espaços diferentes e importantes na vida da criança.

3.3 Relato de uma atividade surpreendente

Cheguei à creche, num dia muito quente. Todas as cinco turmas estavam no pátio, pois, a creche estava sem luz e as salas são muito escuras. Cada turma ocupava um espaço no pátio com o seu educador. Nesse dia, nós não tivemos tempo de tomar o nosso café da manhã. Cada educador foi pegando o seu café e foi com a sua turma para o pátio.

De repente, ouvi um grito desesperador de uma educadora: “Olha a cobra, peguem as crianças, olha a cobra!”

Na hora, foi uma correria! Todas nós corremos, recolhemos as crianças e as colocamos dentro de uma sala. Chamamos um homem, que estava passando na hora para que entrasse e nos ajudasse. Ele rapidamente se prontificou a nos ajudar, pegou um pedaço de pau e matou a cobra. Peguei uma garrafa Pet, coloquei-a lá dentro e guardei na sala para ser usada no momento certo.

Ao mesmo tempo, a luz voltou; separamos as crianças e fomos cada um para sua sala. Fiquei pensando como iria dar continuidade ao meu dia com

todos eufóricos e assustados. Não poderia dar continuidade ao planejamento que já estava pronto, depois do que aconteceu.

Na roda, em sala, conversei com as crianças sobre a cobra colocando a garrafa pet com a cobra no centro. Apareceram muitas perguntas. No começo ficaram assustadas com medo, olhando de longe, mas, aos poucos, foram chegando perto e fazendo suas perguntas:

“Porque ela tem essas cores?” Kaylanne

“Ela morde?” Talita

“O que será que ela come?” Gabriel

“Ela é homem ou mulher?” Lorrann

“O que ela estava fazendo no pátio da creche?” Kamile

Fui tentando responder as perguntas e, disse que, as que não sabia, ia procurar saber, para responder.

Isaque perguntou se a cobra tinha nome e resolvemos assim dar um nome para ela. Talita disse para chamar a cobra de Amarelinha, Kaylanne disse Mimosa. Surgiram vários nomes, na hora; selecionei os que mais apareceram e fizemos uma votação em sala de aula. A votação foi entre o nome de Amarelinha e Mimosa. O nome que ganhou foi Amarelinha, quando disse o nome da cobra todos gostaram e riram muito.

Foi difícil colocar as crianças para dormir nesse dia. Fiquei pensando o que poderia fazer para tirar esses traumas vividos por todos, não só pelas crianças, mas também por nós, Educadoras, que ficamos muito nervosas no momento. Quando as crianças estavam dormindo, resolvemos montar uma apresentação; um teatro na parte da tarde para apresentar para a creche toda. Montamos um pequeno roteiro com as perguntas feitas pelas crianças e, quando todas acordaram, nos reunimos e fomos para o pátio onde respondemos a todas as perguntas que sabíamos.

Nesse dia, fui para casa refletindo sobre todo o acontecimento e resolvi conversar com a Direção para montar um projeto sobre a cobra. Aproveitando uma situação real, um acontecimento em que toda creche participou, era uma necessidade de todos.

Há muito o que mudar ainda, pois existe uma grande quantidade de escolas onde as crianças permanecem sentadas em carteiras, com desenhos mimeografados para colorir, brincadeiras dirigidas. Isso tudo é um processo

que temos que mudar, transformar, pois essa mudança não acontece da noite para o dia, é um processo lento e gradual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei cheia de perguntas: Quem são essas pessoas que dão valor ao profissional, de educação, principalmente na área de Educação Infantil?

Eu não sabia a importância que tem um Professor na Educação Infantil. Tudo que falavam nas reuniões de planejamento em minha creche, eu acatava e fazia sem reivindicar. Não tinha o olhar apurado, que agora tenho para perceber o meu aluno.

Conheci o Pró-Saber através de um curso patrocinado pelo Sesi que começou em agosto do ano de 2009 e terminou no final do mesmo ano. Fiz a prova para o vestibular em dezembro e passei, ganhando esse "passaporte" para fazer uma Faculdade, aqui no Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

No começo não acreditei que conseguiria, pois estava acostumada nas escolas que baseavam-se num ensino autoritário, onde o professor tudo sabe e não leva em conta o aluno, onde o estudo é repassado sem reflexão ou visão crítica dos conteúdos.

Hoje, eu, Cleide, me sinto forte, forte de conhecimentos, ideias. Me sinto importante perante a postura que ocupo como Professora de uma classe de Educação Infantil.

Antes era uma Professora que recebia tudo pronto e lançava, sem saber que adotava uma postura autoritária. Não tinha um olhar apurado para debater se meus alunos conseguirão atingir meus objetivos ou não. Era só lançar o conteúdo que já vinha pronto, sem levar em conta cada um de meus alunos, a turma, o grupo.

Vejo-me hoje como uma Professora numa Concepção Democrática. Dou valor a tudo que meus alunos fazem e com eles monto as minhas aulas. Respeito o que cada um fala, dou ouvido e voz.

Não devemos ficar só no nosso mundo, é com a ajuda do outro que juntos crescemos. Na minha turma, o grupo é importante, dou atenção aos meus alunos, criando vínculos e sinalizando qualquer problema. Nas reuniões de planejamento, falo bastante e consigo fundamentar o que acredito que seja melhor para a minha turma, alcançando ou não os meus objetivos, fazendo registros, observações de meus alunos de modo individual e coletivo.

Na recreação, no parquinho, eu aproveitava e ficava no canto, pegando sol. Aqui no Pró-Saber, aprendi que o brincar é importante. Faço observações individuais e coletivas para analisar se estão se interagindo uns com os outros e faço intervenções quando julgo necessário.

Mesmo sem formação superior é importante desejar mudanças, isso faz um diferencial entre as colegas de trabalho. Muitos achavam que eu queria competir, que sabia tudo, mais fui buscando, lendo muito. Chegar com ideias novas não era garantia de que tudo mudasse depressa; devia respeitar as dificuldades encontradas no meu ambiente de trabalho.

Para ser um Professor de Educação Infantil é preciso em primeiro lugar, acreditar em nossas crianças, pois somos mediadores de seus aprendizados. Eu poderia estar em qualquer outra faculdade, mais escolhi estar aqui, enfrentando todos os dias 04 horas de viagem, aprendendo numa concepção democrática, para construir junto com o grupo novos aprendizados, novos conhecimentos. Escrever, fundamentar o que falo e penso, foi uma marca importante que adquiri aqui no Pró-Saber. Escrevendo me sinto calma, ponho para fora meus sentimentos, minha indignação diante de fatos que acontecem na minha vida profissional. Procuro saber em que estágio o meu aluno se encontra para ver o que ele está preparado para receber.

Hoje me sinto segura, disposta a enfrentar os desafios na minha vida profissional como Educadora e também, na minha vida particular. A vida é assim, vamos crescer, vamos lutar. Tudo que aqui aprendi não é tão fora da minha realidade, da minha prática; muita coisa eu já fazia, só não sabia a sua função. Agora sei fundamentar tudo o que faço e para que.

Passei a conhecer meu aluno para saber onde eu devo cutucar, explorar, instigar, vendo surgir assim o seu interesse Tento montar todos os dias esse mundo imaginário, esse quebra cabeça que é a Educação Infantil.

Espero, a partir deste trabalho de Monografia, provocar nas pessoas grandes reflexões sobre a valorização do profissional de Educação Infantil.

Além disso, o bom relacionamento de professor e aluno indica aos pais o bom trabalho que está sendo desenvolvido com o seu filho. Com este trabalho fica visível que a creche não é substituta da família e sim ajuda a criança no seu desenvolvimento.

O Professor gera resultados importantes no desenvolvimento da Educação Infantil, sejam na interação com as crianças, nos jogos, brincadeiras, na imposição de limites, influenciando positivamente nas práticas de rotinas. Que os nossos alunos possam ter uma educação ética em que o professor respeite o tempo da criança, dando a ele vez, voz e ouvido. Aprender a respeitar as individualidades de cada um, ajudando-os na construção da autonomia, ensinando a eles a escolher, a perder.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Revista, 1998.
- _____. Ministério da Educação. **Referencial Curricular**. Brasília: Mec, 1998.
- CONSTRUTIVISMO e mudança. São Paulo: Cortez, 2000.
- DIREITOS da criança e do adolescente. São Paulo: Revista, 1998.
- FERREIRA, Maria Malta Campos. **Creches e pré-escolas no brasil**. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- _____, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz E Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**. São Paulo: Olho D Água, 1993.
- FREITAS, Neli Silva Barbosa e. **Monografia de especialização em educação**. Puc Rio: Mimeo, 2003.
- KRAMER, Sonia. **Profissionais de educação infantil**. São Paulo: Atica, 2005
- TIRIBA, Léa. **Buscando caminhos para a pré-escola popular**. São Paulo: Ática, 1992.